



CADERNOS
DE ESTUDOS
SEFARDITAS



2º SEMESTRE 2019

Cadernos de Estudos Sefarditas

DIRECTORA

Maria de Fátima Reis

COMISSÃO CIENTÍFICA

Béatrice Perez

Bruno Feitler

Francesco Guidi-Bruscoli

François Soyer

Jaqueline Vassallo

Filipa Ribeiro da Silva

COMISSÃO EDITORIAL

Carla Vieira

Miguel Rodrigues Lourenço

Susana Bastos Mateus

© Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste

Design da capa: João Vicente

Paginação: Rodrigo Lucas

Tiragem: 100 exemplares

Impressão: LouresGráfica

Data de impressão: Janeiro de 2020

Depósito legal: 426885/17

ISSN: 1645-1910

Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1600-214 Lisboa

Telef. +351 21 792 00 00

cadernos_sefarditas@letras.ulisboa.pt

<http://cadernos.catedra-alberto-benveniste.org>

Índice

Nota editorial 7

PARTE I - ARTIGOS

REVITAL REFAEL VIVANTE – Artistic-Rhetoric Expressions of the Jewish-Christian Debate in the Medieval Hebrew Fables: The Dove and the Raven as Allegorical Figures 11

DANIEL MARTÍN GONZÁLEZ – Hidden vs. Overt Protestant Propaganda in an Educational Book in Judeo-Spanish: Alexander Thomson's *Silabario* (Constantinople, 1855) 29

LUIS GIL FERNÁNDEZ – Matias Bicudo Folgado a Don Juan de Austria, sobre cómo montar una red de espionaje 49

DANIELA CRISTINA NALON E ANGELO ADRIANO FARIA DE ASSIS – Félix Nunes de Miranda: um cristão-novo entre dois reinos, duas religiões e duas Inquisições 71

PARTE II – NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

CRISTINA OHANA – A Epistemologia de Maimônides no *Guia dos Perplexos* ... 95

PARTE III – CRÓNICAS

CARLA VIEIRA E SUSANA BASTOS MATEUS – Congresso Internacional “Diásporas, Identidade e Globalização”. Bragança, 19 a 21 de Junho de 2019 117

MACARENA CORDERO FERNÁNDEZ – Lenguaje inquisitorial: Coloquio sobre Inquisiciones comparadas. Ciudad de México, 15 y 16 de octubre de 2019 123

OLIVIA MORENO GAMBOA – Seminario Internacional Historia de Las Inquisiciones – Santo Oficio y mundos coloniales. Santiago de Chile, 6-8 de noviembre de 2019 127

MARIA DE FÁTIMA REIS – Portugal na IHRA – International Holocaust Remembrance Alliance, Luxemburgo, 2 a 5 de Dezembro de 2019 131

PARTE IV – RECENSÕES

CARLA VIEIRA – Alex Kerner, *Lost in Translation, Found in Transliteration: Books, Censorship, and Evolution of the Spanish and Portuguese Jews’ Congregation of London as a Linguistic Community, 1663-1810* (Leiden: Brill, 2018) 135

SUSANA BASTOS MATEUS – *El Antiguo Testamento & el arte Novohispano* (Ciudad de México: Instituto Nacional de Bellas Artes, Museo Nacional de San Carlos, 2018) 139

Notas biográficas 143

Normas para submissão de artigos 145

Recensões

Alex Kerner, *Lost in Translation, Found in Transliteration: Books, Censorship, and Evolution of the Spanish and Portuguese Jews' Congregation of London as a Linguistic Community, 1663-1810* (Leiden: Brill, 2018), 296 pp. ISBN: 978-90-04-36705-0.

A história do Judaísmo e das comunidades judaicas na Inglaterra Moderna foi, durante muito tempo, um terreno só marginalmente trilhado pela academia, com Cecil Roth constituindo a exceção (notável, é certo) à regra. Esse espaço deixado vago foi ocupado pela investigação de historiadores não profissionais, muitos dos quais vinculados à Jewish Historical Society of England. O panorama mudou substancialmente a partir da década de 70 do século passado, com os trabalhos de Todd Endelman e, posteriormente, de David S. Katz, David Ruderman ou Yosef Kaplan, por exemplo. Estreitando o espectro à comunidade sefardita de Londres, a parcimónia com que a academia abordou o tema até tempos bastante recentes não deixa de ser ainda

mais evidente, sobretudo se comparada com a atenção votada à sua congénere de Amesterdão. Justiça seja feita, porém, que nos últimos anos essa lacuna tem vindo a ser progressivamente preenchida pelos estudos de autores como Evelyne Oliel-Grausz, Julia R. Lieberman e Alex Kerner, autor da obra que aqui analisamos, resultado da investigação desenvolvida no âmbito do projecto ERC dirigido por Yosef Kaplan, “Religious and Cultural Changes in the Western Sephardi Diaspora in the Early Modern Period”.

Lost in Translation, Found in Transliteration parte de uma premissa que coloca a censura e a questão linguística no epicentro da problematização sobre o processo de confessionalização na Europa Ocidental Moderna. Seguindo Kaplan no uso da confessionalização como um conceito operativo para a interpretação da diáspora sefardita no Ocidente, Kerner propõe que se adicione a censura e as políticas linguísticas a esta equação, enquanto dois factores paralelos geradores de coesão interna e de limites face aos elementos externos. A abordagem desta questão central é empreendida através da

análise de um caso particular: a congregação de judeus espanhóis e portugueses de Londres, a Sha'ar Hashamayim.

Embora sem nunca atingir nem os números, nem a influência da Talmud Torah de Amesterdão em Setecentos, a comunidade londrina primou pela sua singularidade, em particular no que respeita à sua interacção com o meio envolvente. Como refere Kerner, a readmissão em 1656 aconteceu de modo informal, sem qualquer documento que anulasse oficialmente a expulsão promulgada em 1290. Tal deu origem a um permanente sentimento de insegurança no seio das comunidades judaicas estabelecidas em Inglaterra, conscientes da necessidade de manter uma posição prudente e discreta perante as autoridades e a sociedade de acolhimento. Por outro lado, o fenómeno da “assimilação radical”, usando o conceito cunhado por Todd Endelman, foi particularmente notório entre os judeus de Inglaterra e, sobretudo, entre os de origem sefardita – um fenómeno que constituiu, talvez, a maior ameaça às comunidades judaicas a partir de meados do século XVIII. Os regulamentos da Sha'ar Hashamayim e os registos decorrentes da actividade quotidiana dos órgãos governativos (em particular os livros de minutas do *Mahamad*) constituem as principais fontes a que Alex Kerner recorre para abordar o problema sob dois enfoques definidos logo no início do livro: a perspectiva da comunidade sefardita de Londres como uma comunidade linguística e a censura enquanto um mecanismo de controlo exercido pelos líderes comunais. A análise da questão, alicerçada

nestas duas ideias-chave, tem como ponto de chegada a tese central que o autor deslinda nos seguintes termos: “The main thesis proposed in this book is that the oversight on written communications (books, pamphlets, administration) and the languages used by the community institutions and members, were consistently seen by its wardens as an important tool of control over its flock, sometimes as important as a rigorous keeping of religious mores and halakhic regulations” (p. 13).

Estruturada em três partes, a obra começa por abordar o regulamento e o exercício da censura na congregação de Londres, direcciona-se depois para a política linguística imposta pelos líderes comunais e finaliza com o cruzamento destes dois fenómenos sob um panorama cronológico, evidenciando implementação das medidas de censura e dos diferentes usos das quatro línguas oficiais da congregação – hebraico, espanhol, português e inglês –, bem como a sua aplicação concreta.

A análise do contexto, fontes e evolução do artigo dos regulamentos (*ascamot*) da Sha'ar Hashamayim que contemplava o exercício da censura sobre a produção impressa composta por membros da comunidade abre a primeira parte de *Lost in Translation*. A precedência deste artigo, definido logo nas *ascamot* de 1664, espelha a influência dos regulamentos das comunidades de Veneza e de Amesterdão na organização e normatização da Sha'ar Hashamayim. A necessidade do estabelecimento de mecanismos de censura desde os primeiros anos da congregação não deixa, porém, de

suscitar algumas questões, considerando que Londres nunca chegou a ser um centro impressor judaico, ao contrário das duas comunidades que lhe serviram de modelo. Segundo dados recolhidos por Kerner, entre 1674 e a década de 70 do século XIX, o número de obras impressas compostas por membros da comunidade e passíveis de serem sujeitas aos mecanismos de censura não foi além das oito dezenas. Também não se conhece em Londres qualquer casa impressora propriedade de sefarditas e, muito menos, da congregação. Então, porquê essa prioridade em regulamentar o exercício da censura? Segundo Kerner, esses mecanismos censórios visavam não apenas salvaguardar a ortodoxia, mas também, e sobretudo, evitar a publicação de textos capazes de gerar tensões entre a comunidade e a sociedade de acolhimento. A censura era, assim, uma forma de inocular qualquer ameaça ao estatuto conquistado, mas cujos alicerces, à falta de um decreto oficial, pareciam demasiado frágeis. Nesta primeira parte, é assaz interessante a opção empreendida pelo autor de adoptar uma abordagem comparativa com o caso da minoria Quaker, a qual introduz a proposta que o próprio deixa em aberto no final do livro: aplicar a outros grupos minoritários a problematização sobre o papel da censura e da política linguística na formação de entidades políticas e sociais centralizadas na Europa Moderna.

Mudando o foco para a questão da língua, Kerner apresenta o retrato de uma comunidade poliglota, com quatro línguas oficiais, cada uma com funções

bem definidas: o hebraico, língua ritual; o português e o espanhol, línguas administrativas e de correspondência intra-comunal; e o inglês, língua de comunicação extra-comunal. A aplicação e observância desta normativa sobre o uso da língua tornam a comunidade sefardita de Londres numa comunidade linguística, além de religiosa e étnica. Por outro lado, a definição de limites no emprego das diferentes línguas constitui, na opinião do autor, não só um meio de preservar a coesão e a ortodoxia no seio da comunidade, como também de salvaguardar a autoridade absoluta da liderança. Essa ideia surge particularmente clara na resistência do *Mahamad* em abandonar o uso do português e do espanhol para fins administrativos num momento em que os congregantes fluentes nas línguas ibéricas eram já uma minoria e o inglês se tornara na língua vernacular usada no quotidiano da comunidade. Segundo Kerner, essa negação reproduz, por um lado, a necessidade de manter as funcionalidades do português e do espanhol enquanto línguas de separação face ao ambiente não-judaico e ferramentas contra a assimilação e, por outro, uma forma de ampliar o controlo da liderança sobre os membros da congregação através da posse de um monopólio linguístico.

A terceira e última parte de *Lost in Translation* coloca em diálogo as duas questões desenvolvidas anteriormente e enquadra-as na evolução da comunidade desde as suas origens até 1810, dividida em seis períodos cronológicos. Kerner aprofunda a implementação das políticas censórias e linguísticas da Sha'ar Hashamayim,

confrontando-as com a produção efectiva de livros e panfletos. Essa comparação entre os regulamentos e a prática revela que nem todos os impressos compostos por membros da congregação eram alvo da avaliação do *Mahamad* ou, pelo menos, nem todos os pedidos de licença de impressão surgem registados na documentação. A análise das petições negadas e dos casos de sanções aplicadas a livros impressos sem licença – apenas seis, segundo os registos – permite retirar algumas conclusões sobre os critérios que regiam a selecção efectuada pelos líderes comunais. Kerner identifica três critérios essenciais: a heterodoxia do conteúdo, o potencial dano causado pelo livro nas relações com as autoridades políticas e o público em geral, e a língua em que se encontra escrito. Relativamente a este último critério, o autor nota a tendência do *Mahamad* em recusar a concessão de licença a textos em inglês, sobretudo se de teor teológico ou litúrgico. Só nas últimas décadas do século XVIII é que se começa a evidenciar uma maior permeabilidade à publicação de traduções para inglês de obras religiosas. Este facto leva Kerner a relacioná-lo com o declínio das línguas ibéricas no interior da congregação e daquilo que elas representavam, ou seja, uma demarcação face ao meio envolvente. Os projectos de tradução da liturgia para inglês – nunca uma iniciativa do *Mahamad* – reflectem a derrota da política conservadora imposta pela liderança da Sha'ar Hashamayim e o seu declínio enquanto uma comunidade linguística. A erosão das línguas ibéricas, migradas do quotidiano para uma função

ritual, embora secundária face ao hebraico, é o espelho do desvanecimento da autoridade da elite que tradicionalmente ocupou os cargos governativos da congregação e da decadência daquilo que Kerner denomina de política de absolutização linguística do poder (*linguistic absolutization of power*). Uma derrota para o poder centralizador do *Mahamad*, uma vitória para a assimilação. O autor termina o livro propondo a aplicação deste conceito de absolutização linguística do poder como uma ferramenta analítica para o estudo de outros grupo minoritários caracterizados por uma religião, uma etnia e língua(s) próprias.

Desta forma, *Lost in Translation* constitui não só um contributo essencial para o estudo da minoria judaico-ibérica na Inglaterra Moderna, como também, através da metodologia adoptada e da disponibilização de conceitos operatórios aplicáveis a outros universos, um trabalho com grande potencial de ter o seu aparato metodológico e teórico replicado, inspirando novas perspectivas sobre a diáspora sefardita e outras diásporas. A abordagem da comunidade sefardita de Londres sob uma perspectiva que cruza os campos da história institucional e intelectual é deveras inovador, ao mesmo tempo que dá continuidade ao trabalho desenvolvido nestes dois âmbitos pelas obras de Yosef Kaplan e David Ruderman. Por fim, *Lost in Translation* também apresenta uma nova hipótese interpretativa sobre o fenómeno da assimilação estudada por Todd Endelman, ao acrescentar a interface entre a censura e a política linguística da congregação londrina a esta problemática.

CARLA VIEIRA
 CHAM / NOVA FCSH
 Cátedra de Estudos Sefarditas
 Alberto Benveniste

*Antiguo Testamento & el arte
 Novohispano (Ciudad de México:
 Instituto Nacional de Bellas Artes,
 Museo Nacional de San Carlos, 2018),
 264pp. ISBN: 978-607-605-577-9.*

Esta obra consiste no catálogo de uma exposição com o mesmo título que esteve patente no Museo Nacional de San Carlos, na Cidade do México, de 25 de Outubro de 2018 a 3 de Março de 2019. O *corpus* da exposição consistiu em 50 obras produzidas no vice-reino da Nova Espanha durante os séculos XVII e XVIII. O objectivo principal desta recolha de património, conservado em colecções particulares ou em variados museus e outras instituições mexicanas, é o de dar a conhecer uma tipologia de peças, integradas no contexto artístico colonial americano, que poucas vezes tem sido apresentada ao público e até mesmo estudada pelos especialistas da arte novo-hispana. E a temática insere-se, em concreto, num complexo jogo de inter-conexões culturais em que encontramos traduções pictóricas de elementos, episódios, histórias da bíblia hebraica e, além do mais, objectos que serão integrados em contextos devocionais cristãos. Sem dúvida, o tema é aliciante e o catálogo resultante da exposição é um objecto de grande importância para despertar o interesse dos investigadores no aprofundar da temática.

A curadora da exposição, Marcela Corvera Poiré, professora da Facultad de Filosofía y Letras da Universidad Autónoma de México é autora de um dos textos-chave deste livro “La Biblia y su importancia cultural” (p. 15-43). A autora já se dedicara a estudar a presença do Antigo Testamento na arte do vice-reino peruano no seu livro *El Antiguo Testamento en el Arte del Virreinato Peruano* (Lima: Seminario de Historia Rural Andina, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2009). Neste caso, o seu texto serve de contexto aos objectos seleccionados. Também se destaca a centralidade que a Bíblia Hebraica (*Tanakh*) teve no cristianismo a partir do momento em que se aceitou que estes livros eram também parte da revelação divina. O imaginário das narrativas dos antigos patriarcas, como Moisés, e o árduo caminho percorrido pelo povo hebreu até chegar à tão desejada terra prometida, todos estes elementos povoaram os universos cristãos, tanto em forma de palavra como em forma de imagem. Mas, como a obra em apreço trata do território da Nova Espanha, uma das questões centrais presentes no livro é a de verificar como chegou o Antigo Testamento ao território. Desde os primeiros momentos da conquista, podemos referir que existem três vectores principais de introdução dos elementos do Antigo Testamento. O primeiro, talvez o mais difícil de aferir pelos historiadores, inscreve-se na circulação de ideias e sensibilidades que era inerente às migrações dos indivíduos. Ao chegar ao território “mexicano”, os *conquistadores* levavam consigo memórias destas histórias bíblicas inseridas naquilo